

A presença da música popular brasileira na primeira década da radiofonia paulistana

Fernanda Barbosa dos Santos*

Resumo: Este artigo é parte de pesquisa desenvolvida no Departamento de História da USP para investigar o aparecimento e a presença da música popular brasileira na programação de três estações de rádio paulistanas: a Sociedade Rádio Educadora, a Rádio Record e a Rádio Cruzeiro do Sul, entre os anos de 1924 e 1935. A escolha das emissoras se deu por suas especificidades: a Sociedade Rádio Educadora, pioneira, teve características mais elitistas, enquanto a Rádio Record se tornou mais rapidamente voltada para a música popular e a Cruzeiro do Sul, vinculada a uma ação empresarial. A periodização adotada inclui a primeira transmissão em São Paulo, em 1924, e os anos imediatamente posteriores à regulamentação da publicidade, em 1932. Essencial para este trabalho, a pesquisa nos acervos dos periódicos “Correio Paulistano” e “O Estado de São Paulo” foi organizada em fichas catalográficas. Também foram consultados acervos orais, bibliografia sobre música e radiofonia, documentos de cartórios, e a historiografia sobre São Paulo. O material catalogado mostra que a música popular brasileira era transmitida via rádio na cidade desde 1924, mas com menos espaço do que as canções instrumentais, eruditas e estrangeiras. Após a regulação da publicidade, em 1932, houve a profissionalização dos artistas e o aumento da presença da música brasileira nas grades horárias. Em 1935, as três emissoras transmitiam diversos programas com esse tipo de canções.

Palavras-Chave: Música popular brasileira; Radiofonia; Educadora; Record; Cruzeiro do Sul.

* Graduanda em História pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP). Contato: fernanda.barbosa.santos@usp.br.

Este artigo se desenvolveu a partir da pesquisa de iniciação científica “A presença da música popular na radiofonia paulistana (1924/1935)”, realizada entre novembro de 2013 e julho de 2015 no Departamento de História da Universidade de São Paulo, sob a orientação do professor doutor José Geraldo Vinci de Moraes. O principal objetivo da investigação foi detectar o aparecimento e a presença da música popular brasileira na programação de três estações de rádio paulistanas: a Sociedade Rádio Educadora, a Rádio Record e a Rádio Cruzeiro do Sul, entre os anos 1924 e 1935. O trabalho foi idealizado diante da pouca bibliografia específica sobre o tema e de uma inquietação em perceber quando e por quais motivos as emissoras passaram a transmitir os gêneros populares.

Para efeitos desta pesquisa, foi considerada como música popular brasileira aquela feita no Brasil, à época, transmitida pelas emissoras e não erudita¹. A disseminação da radiodifusão em São Paulo está intrinsecamente ligada às mudanças que a cidade enfrentava nesse período, incluindo seu processo de urbanização e composição, com a chegada de imigrantes, que colaboraram para estabelecer novas relações culturais e sociais, apontando para novas formas de experiências relacionadas com o mundo moderno. A radiofonia teve papel central na construção desse universo, e a música foi fundamental na formação do imaginário radiofônico.

Se, no início, a música erudita ou de concerto tinha destaque, gradativamente os gêneros populares, ainda em formação, ocuparam seu espaço, colaborando, inclusive, para construir as especificidades e identidades de cada emissora.

¹Embora seja possível identificar alguns elementos consensuais que permitem estabelecer um senso comum no qual se possa identificar o que seja música popular, o conceito ainda contém uma série de interpretações e polêmicas entre autores de História Social da Música e de Estudos Culturais, o que este artigo não pretende discutir. Vale, no entanto, a referência de que no período estudado por esta pesquisa o conceito ainda não tinha nem mesmo estabelecido esse “senso comum”. Mário de Andrade, por exemplo, na sua busca incessante para classificá-la, ofereceu interpretações diferentes (Ver PÉREZ GONZÁLEZ, Juliana. “Da música folclórica à música mecânica: Mário de Andrade e o conceito de música popular (1893-1945)”. São Paulo: Intermeios, 2015, p. 171-240). Assim, para este artigo, toda música transmitida pelas emissoras de rádios que não fosse erudita ou de concerto será incluída nesta categoria: da música folclórica à de entretenimento.

A presença da música popular brasileira na primeira década da radiofonia paulistana

A escolha das três emissoras se deu pela relevância que tiveram nos anos 1920 e 1930, e por suas características específicas, que também influenciavam na programação. A Sociedade Rádio Educadora, pioneira na cidade, desde o início teve característica mais elitista, e surgiu como uma espécie de clube amador, ou rádio clube, cujo acesso se restringia a quem tivesse os aparelhos sincronizados em sua onda. A Rádio Record, em contrapartida, rapidamente se tornou uma emissora com espectro mais abrangente, com programação musical mais popular e espaço para discos. Já a Cruzeiro do Sul se destacou por ser ligada a importadores de aparelhos radiofônicos e representantes da Columbia no Brasil, o que indicava uma ação mais empresarial.

A programação das emissoras de rádio paulistanas se expandiu significativamente no período estudado, sobretudo após a abertura da programação para a publicidade, em 1932. A periodização adotada pela pesquisa leva em conta esse cenário de mudanças: começa na primeira transmissão radiofônica em São Paulo, em 1924, que estabeleceu uma fase mais amadorística do meio de comunicação, e se encerra em 1935, no período imediatamente posterior à regulamentação da publicidade, que possibilitou o ingresso de investimentos e a profissionalização das emissoras.

Considerando as dificuldades decorrentes da limitação bibliográfica sobre a emergência da música popular brasileira em rádios paulistanas, os registros da imprensa especializada (revistas) e generalista (jornais) da época se tornaram fontes primordiais. O acompanhamento em série dos periódicos “Correio Paulistano” e “O Estado de São Paulo” foi determinante para a obtenção de informações sobre a evolução do cenário musical da radiodifusão paulistana, e esse material foi organizado em fichas catalográficas, que detalham tanto o espaço que o jornal dava à programação de rádio, especificando a sua localização, como o conteúdo musical abordado, o estilo das músicas transmitidas e os músicos populares citados ou participantes. A pesquisa foi feita nos arquivos virtuais dos dois jornais, sendo o “Correio Paulistano” hospedado no site da Biblioteca Nacional, e “O Estado de São Paulo”, na página do próprio jornal. Também foram consultados o acervo da “Revista do Rádio”, cartórios de registros de pessoa jurídica e memórias orais gravadas por personagens

da época e disponíveis no Museu da Imagem e do Som e no Centro Cultural São Paulo. Apesar de solicitados junto às emissoras Record e Gazeta (sucessora da Educadora), roteiros da época diferentes dos dispostos nos periódicos não foram encontrados.

A radiofonia e a vida do paulistano

O surgimento das três emissoras de rádio e a sua programação estão vinculados ao contexto da cidade de São Paulo no período estudado, cujo estudo historiográfico colaborou para a melhor compreensão e interpretação dos dados obtidos na pesquisa em fontes primárias. O lugar da radiofonia na vida do paulistano foi moldado pelas poucas opções de lazer na cidade, nos anos 1920, que possuía uma esfera pública excludente e privatizadora. A vida mais simples do campo já não tinha espaço, devido à crescente urbanização e à importação de costumes estrangeiros, considerados “civilizados” pela elite. Os espaços de entretenimento das camadas mais abastadas não eram majoritariamente praças e parques, mas sim cafés, cinemas, restaurantes e teatros, além das ruas comerciais (RAGO, 2004, p. 392). Para os operários e imigrantes, por outro lado, o espaço mais comum de entretenimento era o dos chamados cafés cantantes.

O cosmopolitismo gerou também uma experiência de exclusão social, que era quebrada em poucas datas nas quais havia a apropriação da rua pelas camadas populares, como o carnaval. O rádio, e a música popular brasileira, ganharam importância nesse contexto, por construírem em sua programação um espaço de entretenimento – e de reconhecimento para certos setores da população – que não era encontrado nas ruas de uma cidade em processo de metropolização, que só diminuía o espaço do lazer público. Por outro lado, o rádio também não deixou de ser uma mediação para essa interação cultural, que transformou manifestações informais em programas com interesses políticos ou empresariais (RAGO, 2004, p. 429).

O rádio, então, reproduzia a vida cotidiana segundo interesses dos donos do meio de comunicação, e criava “novas formas de produção e recepção cultural” (PINTO, 2004, p.141).

A presença da música popular brasileira na primeira década da radiofonia paulistana

Em contrapartida, refletia em si as experiências dos ouvintes em sua linguagem, e se tornava parte da vida urbana.

A composição da cidade de São Paulo, com imigrantes estrangeiros e internos, também influenciou tanto nos ritmos musicais desenvolvidos e disseminados, como na preferência dos ouvintes. A cidade, no início do século 20, estava entre as que mais recebiam migrantes no mundo. Os estrangeiros eram 54,6% da população em 1893 e, em 1920, 35%, dos quais 67% tinham filhos nascidos na cidade (a chegada de trabalhadores do interior do Estado, como migrantes internos, influenciou na diminuição da porcentagem), o que tornaria São Paulo, na década de 1950, uma cidade com grande diversidade cultural (HALL, 2004, p. 121).

Muitos cantores da rádio paulistana nasceram em bairros de imigrantes, como o Brás do músico Roque Ricciardi, que é um bom exemplo de uma fusão de referências. O cantor chegou a ser conhecido como o “italianinho do Brás”, mas o apelido o desagradava e estava vinculado a músicas de ritmos importados, como a valsa, ou mesclados entre sonoridades europeias e locais, como a seresta. Ricciardi, então, inventou o apelido Paraguassu, proveniente do tupi, e pelo qual ele ficou conhecido nacionalmente². A influência dos ouvintes das colônias de imigrantes na grade da programação das emissoras se nota mais claramente na década de 1930, quando foram criados programas específicos destinados às comunidades de imigrantes. Na Rádio Record, por exemplo, em 1934, havia programas de música argentina, italiana, portuguesa, americana, alemã e árabe.

O historiador José de Souza Martins afirma que o habitante fixo da cidade no início do século 20 se sentia um “hóspede” (MARTINS, 2004, p. 153), devido à presença de estrangeiros e de trabalhadores provenientes do interior do Estado e do país. A presença massiva de europeus e de uma elite europeizada no município deu ao migrante interno uma aura pejorativa. Entretanto, o que era símbolo de alteridade, tornou-se parte da identidade da cidade. O imaginário caipira transladado às músicas e aos livros deixou de representar algo de mau gosto e passou a ser também um reflexo de ingenuidade e sabedoria. Esse

² Paraguassu conta como passou a usar o apelido em depoimento gravado pelo Museu da Imagem e do Som, consultado para a pesquisa.

movimento foi influenciado por um esforço de governo do presidente Getúlio Vargas em construir uma identidade nacional brasileira dita moderna e pelo movimento modernista, que teve São Paulo como berço. Os ouvintes de São Paulo aceitavam com naturalidade diversas maneiras de falar, diferentes sotaques e a mistura de idiomas. Em programas de humor, como a “Cascatinha do Genaro” e o do Nho Totico, personagens feitos a partir de tipos caipiras eram representados ao lado de outros feitos a partir de tipos estrangeiros, como italianos, japoneses e árabes (MORAES, 1999, p. 89).

Se, no Rio de Janeiro, onde o rádio foi estabelecido anteriormente, os mais conhecidos ritmos populares foram derivados de uma tradição afrobrasileira e da música do nordeste do Brasil, em São Paulo o conjunto de ritmos incluía o samba e a marcha afrobrasileiros, mas também a seresta, a modinha e as músicas caipiras e sertanejas, um reflexo da quantidade de imigrantes nacionais e internacionais que participaram da construção cultural da cidade (CANTERO, 2013, p. 29). A construção culturalmente diversa de São Paulo também influenciou na linguagem dos locutores (CANTERO, 2013, p. 46)³, que alcançaram popularidade na medida em que falavam de forma mais informal e próxima ao que se ouvia no dia a dia, com o pioneirismo da Rádio Record, a partir de 1930.

Diferentes trajetórias

Por mais que seja possível traçar um panorama geral da presença da música popular brasileira na radiofonia paulistana, cada emissora de rádio a inseriu em sua grade de uma forma específica, respeitando seu objetivo e seu público. Por isso, é importante detalhar algumas informações do histórico da Sociedade Rádio Educadora Paulista, da Rádio Cruzeiro do Sul e da Rádio Record. As fontes encontradas não são unânimes quanto às informações, e há datas conflitantes, mas os dados encontrados foram suficientes –e essenciais– para traçar um perfil das emissoras.

³ A importância da informalidade para o sucesso dos locutores também é abordada pelos radialistas Henrique Lobo e Nicolau Tuma, em depoimentos deixados para o Museu da Imagem e do Som de São Paulo.

A presença da música popular brasileira na primeira década da radiofonia paulistana

O primeiro registro da primeira rádio de São Paulo, a Sociedade Rádio Educadora Paulista, encontrado nos periódicos, é de dezembro de 1923. A rádio “recentemente formada”, segundo descrito no “Correio Paulistano”, localizava-se na rua da Quitanda, sede do Instituto de Engenharia, no centro de São Paulo, e tinha como sócios membros de uma elite intelectual de São Paulo. No estatuto da rádio, encontrado no 1º Cartório Oficial de Registros de Títulos e Documentos de Pessoa Jurídica, a sua constituição se deu em 30 de novembro de 1923. A idealização da rádio ocorreu no clube de Engenharia de São Paulo, com a presença do médico Belisário Pena, que seria ministro da Educação nos anos 1930, dos engenheiros Leonardo Jones Jr, Otávio Ferraz Sampaio, Georges Corbisier e Luiz Ferraz de Mesquita, e do comerciante Luiz do Amaral Cezar, membros de uma elite econômica que tinha como “hobby” a radiofonia, e se reunia para escutar estações estrangeiras que podiam captar em seus aparelhos de rádio (ROCHA, 1993, p.16). Em seu início, a emissora tinha um formato de clube, de sociedade, que ficava expresso na mensalidade cobrada dos usuários que possuíam os receptores em suas casas. A tecnologia, a princípio, era cara, e estava disponível a poucos.

As primeiras irradiações da emissora, ainda antes de sua constituição oficial, foram realizadas da rua Frei Caneca, no centro de São Paulo, nas casas de Leonardo Jones Jr e Luiz Amaral Cesar. No fim de 1924, a emissora se transferiu para o Palácio das Indústrias, na avenida Mercúrio, s/n (atualmente praça cívica Ulisses Guimarães), que foi cedido por Ramos de Azevedo, então diretor da Escola Politécnica de São Paulo. A rádio teria ainda mais um endereço, a partir de março 1926, quando foi transferida para a Rua Carlos Sampaio, 5, no Paraíso, para um terreno cedido pela prefeitura de São Paulo, onde instalou aparelhos mais modernos, da Cia Western Electric, e novas torres de transmissão. As condições estruturais no início da emissora passavam longe do glamour que o rádio adquiriria posteriormente. A torre de transmissão do Palácio das Indústrias, por exemplo, era um estúdio de cerca de cinco metros quadrados, forrado com saco de estopa aberto para formar a acústica, e com um microfone de carvão, segundo depoimento de Enéas Machado de Assis, que foi diretor das rádios Cultura e Bandeirantes, disponível no Centro Cultural São Paulo.

A primeira transmissão da emissora encontrada nos periódicos analisados é de março de 1924, com uma audição musical, que seria seguida de uma programação inconstante. Os programas musicais da rádio tornam-se constantes apenas a partir de 9 de dezembro de 1924, com dois programas ao dia de música variada (estrangeira e brasileira, sem separação temática), ao vivo, nos quais atuava o Trio Rádio Bandeirante, já nos estúdio da emissora no Palácio das Indústrias. Nos primeiros anos de transmissões, surgiram programas de orquestra e recitais, que substituíam um dos programas de música variada na grade. Eram oferecidas também cotações diárias da Bolsa de São Paulo e concertos do Theatro Municipal ou do Conservatório Dramático e Musical.

Em 1926, a programação se expandiu em novas faixas horárias, com a inserção de discos pela manhã, da Casa Victor, e jazz band à noite, além de boletins de informações e programas educativos (palestras e aulas de idiomas, por exemplo). O primeiro programa aparentemente patrocinado, “oferecido aos sócios” por Amaral Cesar & Cia, data de 5 de março de 1927, e apresenta músicos brasileiros regionais. Em janeiro de 1932, ano em que a publicidade seria regulamentada, a Educadora, que já possuía programação de manhã, à tarde e à noite, mas não de forma contínua por todo o dia, transmitia um programa regional (com música de carnaval, choro, samba e cateretê), além de três programas de música variada, dois de discos, uma orquestra e um de jazz.

A segunda rádio a aparecer na pesquisa em periódicos foi a Sociedade Rádio Cruzeiro do Sul, com sua primeira transmissão encontrada em notícias de 06 de outubro de 1927, feita a partir da sede, no centro de São Paulo. A programação se constituía com dois horários de transmissão de discos da Casa Victor, de manhã e à tarde, um de notícias e, no início da noite, no horário mais nobre, um programa variado, com jazz band, orquestra típica argentina e um trio clássico. No entanto, a emissora só permaneceria no ar até 09 de novembro de 1927, por dificuldades técnicas com um transmissor⁴. O “Almanaque do Rádio de 1951”⁵ afirma que a

⁴ A suspensão por tempo indeterminado da transmissão da rádio foi anunciada no “Correio Paulistano” de 9 de novembro de 1927.

A presença da música popular brasileira na primeira década da radiofonia paulistana

emissora havia sido fundada um pouco antes, em 2 de maio de 1927, e aponta para a existência de rumores sobre a sua abertura, em caráter amador, ainda em 1924. Um fato curioso, que indica a vocação comercial da emissora, segundo a publicação, é o de que as suas audições experimentais já haviam sido patrocinadas pela Atlantic Motor Oil, o que coloca a rádio como pioneira no setor empresarial. Isso se explica porque o seu fundador, Alberto Byington Junior era da família de donos de uma importadora que representava a gravadora Columbia no Brasil e, posteriormente, contaria com apresentações ao vivo dos cantores que gravavam na sede da empresa. Em seu início, a emissora funcionava no Edifício Byington, no largo da Misericórdia, com um transmissor construído pela companhia.

Após cinco anos fechada, a Cruzeiro do Sul reabriu em 1932, ano da regulamentação da publicidade no Brasil. No dia 10 de janeiro desse ano, o jornal O Estado de São Paulo indica um programa de 15 minutos da “Empresa Cruzeiro do Sul” dentro da grade da Rádio Record, o que mostra ou um acordo entre as emissoras ou uma ação patrocinada da Cruzeiro do Sul antes de sua volta oficial. A ação empresarial da emissora é evidenciada com patrocínios de lojas, como na Hora Mappin, e com a primeira formação de uma rede de transmissão, denominada Rede Verde e Amarela, ao lado da rádio Kosmos, do Rio de Janeiro, e que depois seria interligada também com emissoras do interior paulista. A música popular brasileira estava presente na grade da Cruzeiro do Sul em sua volta oficial, em 11 junho de 1932, com um programa do Paraguassu, de 15 minutos. Dois anos depois, a grade da rádio possuía 25 programas ao dia, entre eles um Programa Columbia e um da Orquestra Columbia, mantendo a ligação com a gravadora estadunidense, um programa dos ouvintes e três programas com música popular brasileira. A ação empresarial da Cruzeiro do Sul, cujo início foi moldado pelo diretor norte-americano Wallace Downey, passou a ser feita “para combater a Record”, emissora popular de mais sucesso na cidade na década de 1930, segundo depoimento do antigo diretor da rádio da família Byington, Lahir de Castro Cotti, sucessor de Downey, disponível no Centro Cultural São Paulo.

⁵ O “Almanaque do Rádio de 1951”, compilado e editado por Thyrso Pires (Rua Fortunato, 79, São Paulo), está disponível no arquivo do Centro Cultural São Paulo

A Sociedade Rádio Record, segundo matéria da edição 23 da Revista do Rádio, de 1950, havia começado suas transmissões em 11 de junho de 1925, fundada pelo advogado e comerciante Álvaro Liberato de Macedo na Praça da República, 15, no mesmo local onde ficava a Casa de Discos Record. Entretanto, a ata de constituição da rádio arquivada no 1º Cartório Oficial de Registros de Títulos e Documentos de Pessoa Jurídica atesta que a emissora foi criada oficialmente como uma sociedade civil em 2 de abril de 1928, no mesmo endereço, com três categorias de sócios, separadas pelo montante financeiro dado por cada um, e com Liberato de Macedo na presidência do Conselho Deliberativo. A entrada de novos associados, no início, era julgada quinzenalmente pelo Conselho Diretor, o que mostra um aspecto de clube, de sociedade. A ata expõe também que a rádio não buscava lucro em seu início, e era “fundada para fins exclusivamente científicos, técnicos, artísticos e de educação popular” (CANTERO, 2013, p. 114).

O primeiro registro de transmissão da Record encontrado nos periódicos “Correio Paulistano” e “O Estado de São Paulo” ocorreu em 13 de outubro de 1928, descrito como “a inauguração” da emissora. A transmissão, apenas noturna e em dias alternados, iniciou com um programa variado de canto e música, apresentado ao vivo por uma “jazzband” (denominação para conjuntos musicais que interpretavam música popular brasileira), pelo Quartetto Paulista e por sopranos e barítonos. Apesar de o evento contar também com o elemento instrumental e erudito, a vocação popular da rádio é demonstrada neste início porque, mesmo quando a profissionalização dos músicos populares brasileiros ainda era incipiente, a emissora apostou na transmissão das músicas produzidas e interpretadas por brasileiros.

A partir de 31 outubro de 1928, nos registros dos periódicos pesquisados, a emissora transmitia de forma fixa um programa de discos da Casa Record à tarde e um programa de “música regional” à noite, apresentado por amadores (não profissionais) ou por grupos, como o Jewell Box e Os Batutas Paulistanos, transmitido de forma alternada com outros programas, como o de orquestra. A partir de março de 1929, a emissora passa a transmitir dois programas de discos diários, da Casa Record. Em abril de 1930, a Record promoveu um

A presença da música popular brasileira na primeira década da radiofonia paulistana

concurso de música brasileira, com 20 cantores/competidores, que se apresentaram ao vivo, segundo registro no “Estado de São Paulo”. Em outubro do mesmo ano, a grade da emissora já era mais diversa e expandida, com três programas de discos, um com exemplares da Columbia, outro da Victor e o último, da Casa Record, além de um Programa Selecionado de Orquestra e um Programa Regional, ao vivo.

Em junho de 1931, a emissora passou para as mãos de Paulo Machado de Carvalho (ao lado de dois outros sócios), que afirmou que pagou uma quantia simbólica por ela e que não conhecia o ramo. “Na brincadeira, quisemos tocar umas notas no piano. E batemos e não tocava. Quando abriu-se, encontramos um entulhado de tampinhas de garrafa de cerveja”, disse Carvalho, em depoimento disponível no Centro Cultural São Paulo. O empresário afirmou também que os funcionários faziam “prodígios”, como colocar óperas para tocar, com grupos de músicos em salas diferentes, já que não cabiam no mesmo estúdio.

O estilo mais popular reforçado após a venda da emissora contrastou com o da então estabelecida Rádio Educadora, focado em um modelo educacional, e alçaria a Record ao sucesso em uma época em que a maioria da população não possuía capital para comprar discos de seus cantores favoritos, mas tinha acesso às transmissões de rádio, ainda que não fosse em suas casas (CANTERO, 2013, p. 18). O radialista Raul Duarte, em depoimento gravado pelo Centro Cultural São Paulo, fala sobre as diferenças entre a Educadora e a Record:

Era um contraste enorme. A Record era uma estação precaríssima, tudo amarrado, com fios descobertos e tal, e a Educadora rigorosamente dentro dos padrões técnicos. (...) A Educadora era muito respeitosa, formal, solene, e a Record veio mais irreverente, com mais intimidade com o ouvinte.

Em 1932, após a regulamentação da propaganda, a Record passa a irradiar transmissões desde as 8h até as 23h30, de forma ainda não consecutiva, com jornais, programas de discos, orquestra e “números de conhecimento popular”. Em dezembro de 1934, a grade diária já possuía 33 programas, entre eles dois “Programas Brasileiros”, dois de “Música Brasileira” e um “Programa Regional”, porém, a descrição nos periódicos não especifica se eram feitos ao vivo ou se também utilizavam discos. A vocação popular da

Record, no fim da década de 1930 se expandiria para os programas de auditório. No início da década, entretanto, fortalecia-se em transmissões para a rua, feita com alto-falantes colocados na sede da emissora, como a que ocorreu no Carnaval de 1933.

Considerando as três emissoras analisadas, e já apresentadas, os periódicos catalogados entre os anos de 1924 e 1935 mostram que a cultura radiofônica foi crescendo pouco a pouco na esfera pública de São Paulo, e, no decorrer dos anos, ganhou mais espaço nos jornais. Por exemplo, se, no início, os jornais traziam as informações da programação da Rádio Educadora sem subtítulo específico ou periodicidade constante, em 1927 já havia um espaço majoritariamente fixo. No “Correio Paulistano”, ele se localizava na seção “Factos Diversos”, com o subtítulo “Radiotelephonia”, próximo às notas de Sociedade. Em “O Estado de São Paulo”, a programação era publicada na página 2, nobre por ser no início do jornal, com uma característica de serviço ou agenda cultural.

Os periódicos também apresentaram limitações como fontes. O “Correio Paulistano”, por exemplo, teve a circulação interrompida pelo governo de Getúlio Vargas entre 1930 e 1934, período no qual a pesquisa foi centrada em “O Estado de São Paulo”. Este segundo jornal também apresentou limitações, por não ter publicado a programação da Sociedade Rádio Educadora entre 1930 e 1931, mas, sim, críticas à abordagem da emissora.

Tímido início

A catalogação dos jornais possibilitou a identificação de diferentes ritmos nas transmissões das três rádios estudadas, entre eles valsa, fox-trot, fado, música clássica, tango, maxixe, toada, samba, além de música caipira e o genérico “música regional”. Os músicos e cantores citados pelos periódicos ultrapassam cem nomes, entre os mais conhecidos e com documentação disponível, como Joubert de Carvalho e Roque Ricciardi (Paraguassu), cujas músicas aparecem com alguma frequência, e outros sobre os quais não foram encontradas informações. Foram registrados também os nomes dos grupos populares que interpretavam as músicas nas transmissões – também chamados de *jazz bands* –, como o trio Rádio Bandeirante, da Sociedade Rádio Educadora, e a *Jazz Band* Gem-Box, da Record.

A presença da música popular brasileira na primeira década da radiofonia paulistana

Notou-se a presença de música popular brasileira desde as primeiras transmissões, mas de maneira tímida em relação à música estrangeira, instrumental e erudita. Nos primeiros anos de irradiação, a partir de 1924, a Sociedade Rádio Educadora Paulista, a primeira a surgir na cidade, possuía programação variada, com música estrangeira e brasileira, apresentada em dois programas diários de nove músicas, ao vivo, por um mesmo grupo, majoritariamente o Trio Rádio Bandeirante. Tudo indica que as canções estrangeiras eram irradiadas em maior número, informação obtida a partir de uma quantificação aproximativa de roteiros divulgados pelos jornais analisados. Por exemplo, no programa de quatro de março de 1925⁶, a rádio educadora transmitiu dois programas de música, um vespertino e um noturno, com nove canções cada um, interpretadas pelo Trio Rádio Bandeirante. Das 18 músicas, quatro das apresentadas no programa da tarde eram de compositores brasileiros: os maxixes “Teu desprezo me mata” e “É praga que você tem”, de Freitas, o samba “Depois de rezado”, também de Freitas, e o fox-trot “Idyllio” de Tupynambá.

É interessante mencionar que, da mesma forma em que possuíam um trio ou grupo que se encarregava da execução das músicas tanto populares e brasileiras como estrangeiras, as rádios, em seu início, apostavam em orquestras próprias, o que demonstra uma aposta predominante pelo erudito. Outras vezes, transmitiam óperas feitas no Theatro Municipal ou em suas sedes. Já a música popular era apresentada por conjuntos regionais, muitas vezes não remunerados. Os músicos brasileiros, inclusive, também compunham e interpretavam ritmos estrangeiros, como tangos, fados e fox-trot, segundo os registros obtidos nos periódicos. Apenas com a emergência dos programas de “música regional” ou de “música caipira”, a veiculação da música popular brasileira ficou mais evidente, já no fim da década de 1920, com a sua separação dos gêneros internacionais, interpretados ou não por brasileiros.

Roque Ricciardi, conhecido pelo nome artístico Paraguassu, afirmou, em depoimento disponível no Museu da Imagem e do Som, ter sido o primeiro cantor a interpretar uma

6 Informação publicada pelo jornal “Correio Paulistano”, na edição de 4 de março de 1925, página 5, seção Radiophonia

música ao vivo na Rádio Educadora, pelo bocal de um telefone, enquanto um músico tocava piano⁷, em 1924. A primeira vez registrada nos periódicos analisados que um compositor popular toca sua própria música ao vivo em uma rádio ocorre em 6 de maio de 1925, com Américo Jacomino, o Canhoto, na rádio Educadora (a única em funcionamento na cidade na época). Até então, as músicas brasileiras eram interpretadas pelo conjunto fixo da emissora, o Trio Rádio Bandeirante, segundo os registros nos periódicos.

A partir de setembro de 1926, e, principalmente, após 1927, foram identificados programas de discos de diferentes gravadoras, como Victor, Murano, Record e Columbia. Não ficou claro se os espaços eram patrocinados pelas gravadoras ou se os discos eram cedidos em parceria. A partir de 1927, a programação da Sociedade Rádio Educadora se organizava em dois grandes blocos: o primeiro entre as 11 horas e as 13 horas, com música brasileira em disco, e o segundo entre 17 horas e 22 horas, com música leve e de orquestra, precedida de boletins de informações e contos. No mesmo ano, é irradiado o primeiro “programa de música regional brasileira”, descrito com esse nome. A expansão da grade de programação é evidente, se comparada com os dois programas diários de música variada que antes eram transmitidos pela rádio.

A partir de 1928, tornam-se mais comuns os programas com músicas organizadas por unidades temáticas, como de “música popular” e “música regional”, sem que os jornais especificassem as canções. A mudança expõe uma editorialização e uma seleção das canções, que passam a ser veiculadas de forma organizada pelas emissoras. Por outro lado, como os títulos das canções não são citados, foi impossível que este trabalho analisasse as características de cada música separadamente.

Pouco a pouco, de acordo com as programações disponíveis nos jornais pesquisados, as músicas clássicas e estrangeiras demonstraram a tendência a dar mais espaço para as brasileiras sem, entretanto, desaparecerem. Em fevereiro de 1935, segundo “O Estado de São Paulo”, a Record tinha um programa brasileiro, um programa regional e de choros e outro de

⁷A informação de que Paraguassu foi o primeiro cantor a se apresentar ao vivo em uma rádio de São Paulo foi encontrada também na descrição de outros memorialistas.

A presença da música popular brasileira na primeira década da radiofonia paulistana

músicas de Carnaval; a Educadora, programa nacional, hora da fazenda e programa carnavalesco; e a Cruzeiro do Sul, dois programas carnavalescos e um de música regional, o que representa um aumento significativo em relação às quatro canções populares brasileiras transmitidas pela rádio Educadora no exemplo de março de 1925, ocasião em que a música estrangeira e erudita dominava os dois programas de nove músicas cada um.

Regulamentação e profissionalização

A regulamentação da publicidade teve grande importância para as transmissões de música popular brasileira pelas emissoras estudadas. Essa mudança começou ainda em 1931, no dia 27 de maio, o quando decreto 20047 adotou o modelo norte-americano de concessão de canais para a comunicação por rádio, permitindo que 10% da programação fosse constituída de publicidade. Já em 1º de março de 1932, a regulamentação da propaganda se deu pelo decreto 20047, que implantou o estatuto jurídico da radiocomunicação.

O modelo europeu de rádio sociedade e rádio educativa, como questão de Estado, foi substituído então pelo modelo comercial norte-americano. O “boom” da radiofonia em 1932 foi notado na pesquisa, em primeiro lugar, pelo número de citações à palavra “rádio” em “O Estado de São Paulo” (verificadas pelo mecanismo de buscas do acervo do jornal). Em 1931 foram 409, que subiram para 647 em 1932, 727 em 1933 e 915 em 1935. Na Record e na Educadora, por exemplo, foram instituídos programas de veiculação de propaganda, que ajudaram na arrecadação de verba para manter a grade da programação completa, tanto com músicos populares como clássicos. No início, os anúncios eram curtos, porque eram cobrados por palavras, como em um telegrama. A partir da regulamentação da publicidade, o espaço ocupado pela descrição dos programas de rádio no jornal também foi ampliado, e as emissoras, como empresas, entraram também para a página de anúncios, com pequenos informes com sua a localização, horários de transmissão e disponibilidade para irradiar anúncios.

As iniciativas de patrocínio que financiaram músicos populares e as parcerias com empresas, entretanto, são anteriores à regulamentação da publicidade, mesmo que de forma

incipiente. A Rádio Cruzeiro do Sul usou patrocínio da *Atlantic Motor Oil* já em suas audições experimentais. Na Educadora, a partir de setembro de 1926, e, principalmente, após 1927, foram identificados programas de discos de diferentes gravadoras, como Victor, Murano, Record e Columbia, além de programas descritos como “oferecidos” por empresas, como “Amaral César & Cia” e “A Luminária”. Nos anos 1930, entretanto, o aumento dos recursos da publicidade ocorreu sob influência da instituição de agências de publicidade em São Paulo, inclusive estrangeiras, como McCann Erickson, Standard e JW Thompson.

As emissoras de rádio, como empresas, ganharam uma nova dimensão profissional, dentro do contexto socioeconômico da “marcha da civilização urbano-industrial” e da construção de um estilo de vida urbano na cidade. Entre as consequências da presença da publicidade na radiofonia paulistana, descritas pelo historiador João Baptista Borges Pereira, está a estruturação das emissoras como empresas que buscavam rentabilidade e, por isso, passavam a ter uma programação mais sensível à preferência do ouvinte, e menos atrelada a um projeto de educação através do meio de comunicação. A segunda consequência é a democratização do uso da rádio, que se desvincula dos clubes de elite e, com o barateamento dos aparelhos, entra definitivamente na vida das camadas mais populares (PEREIRA, 2001, p. 28). Além disso, com o lucro das empresas, foi possível profissionalizar a área, o que alargou a esfera de participação social e incluiu nessa carreira cantores, autores e locutores menos abastados.

É importante mencionar que, ainda que não sejam o objeto central de estudo deste trabalho, as gravadoras também tiveram um importante papel para a difusão e a profissionalização da música popular brasileira, pois influenciaram na criação de ídolos e de canções de sucesso. As gravações de música regional se tornaram uma marca da musicalidade local nos anos 1930 (GONÇALVES, 2013, p. 20). O crítico musical, jornalista e historiador Ary Vasconcelos, citado por Thaís Matarazzo Cantero, afirma que o período entre 1927 e 1946 foi a “fase de ouro” da música popular brasileira, inclusive com o surgimento de sociedades arrecadadoras para os artistas, como a Sociedade Brasileira de Autores, Compositores e Escritores de Música (CANTERO, 2013, p. 23).

A presença da música popular brasileira na primeira década da radiofonia paulistana

Fecham-se as cortinas e termina a transmissão

A pesquisa nos periódicos demonstrou que a radiofonia paulistana se desenvolveu de maneira vinculada aos processos de crescimento, urbanização e metropolização da cidade, com forte influência da migração, e foi impactada também pelos acontecimentos nacionais. O início da presença da música popular brasileira nas emissoras de rádio analisadas começou timidamente ainda na década de 1920, quando ficava relegada a um segundo plano, mas cresceu vertiginosamente após a regulamentação da publicidade e a transformação das emissoras de rádio em empresas.

No início das transmissões, a elite dona dos aparelhos receptores era o público a ser atingido, e o principal objetivo do meio de comunicação se fixava na transmissão de educação e cultura, por meio de transmissões predominantes de músicas estrangeiras e eruditas, incluindo apresentações de óperas e concertos, ao vivo, do Theatro Municipal, um espaço frequentado por essa elite. Com a popularização do rádio, as emissoras passaram também a realizar programas para recreação e entretenimento, com fins comerciais, e incorporaram elementos da cultura popular, como a contratação de músicos dos cafés cantantes, um espaço de entretenimento dos setores populares.

A rádio, então, também incluiu o imaginário do interior na sua programação, com a música caipira que ganhou fama falando da alma sertaneja e mostrando um migrante fora do seu lugar de conforto. As anedotas e canções do migrante interno faziam a elite rir, ao mesmo tempo em que atraíam as classes populares, que se identificavam. Cantores e compositores como Cornélio Pires, João Pacífico, Raul Torres e Sorocabinha se estabeleceram como ícones.

A exaltação da produção brasileira foi influenciada pelo movimento modernista de 1922 e pela estratégia varguista de construção de uma identidade nacional. Além disso, a popularização da música “regional” na década 1930 também sofreu influência do aumento da participação dos cidadãos brasileiros na vida artística e literária do país, fenômeno que o sociólogo Antônio Candido chamou de “rotinização da cultura” (CÂNDIDO, 1984, p. 1 e 7).

A busca por rentabilidade nas emissoras de rádio analisadas, depois de 1932, possivelmente tornou a programação mais sensível à preferência do ouvinte, e menos atrelada a um projeto educativo. Com a venda de anúncios, foi possível ter mais capital e construir uma carreira para cantores, autores e locutores, alargando a esfera de participação social.

Além disso, os novos gêneros populares com traços dos migrantes internos e externos encontravam eco no imaginário dos ouvintes, que estavam acostumados com essa mistura em seu dia a dia. A música popular brasileira encontrou seu público, que se sentia representado nas transmissões, em uma época em que o rádio se firmava como uma importante possibilidade de lazer.

Juntos, os fatores aqui apresentados contribuíram para o aumento da presença da música popular brasileira nas rádios Educadora, Record e Cruzeiro do Sul, entre 1924 e 1935, fenômeno que foi demonstrado pelas mudanças nas programações musicais das emissoras no período analisado.

Referências bibliográficas

CABRAL, S. **MPB na Era do Rádio**. São Paulo: Moderna, 1996.

CÂNDIDO, A. **A revolução de 30 e a cultura**. Revista Novos Estudos, nº 4, São Paulo, Cebrap, 1984.

CANTERO, T. M. **A Música Popular no Rádio Paulista, 1928-1960**. Bragança Paulista, SP: ABR Editora, 2013.

_____; COMEGNO, V. **A Dinastia do Rádio Paulista**. Bragança Paulista: ABR Editora, 2013.

CENTRO CULTURAL SÃO PAULO. **O rádio paulista no centenário de Roquette Pinto**. 1884-1984. São Paulo: 1984.

GONÇALVES, C. K. **Música em 78 rotações**. Discos a todos os preços na São Paulo dos anos 30. São Paulo: Alameda, 2013.

DUARTE, G. R. Sons de São Paulo: a atividade radiofônica paulista nos anos 1930/40. **Revista de História Regional**, 8(2): 9-47, Inverno 2003. Disponível em: www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/viewFile/2177/1657.

GURGUEIRA, F. L. **Integração Nacional pelas ondas: o rádio no Estado Novo**. SP, Ed. HUCITEC, 2009.

A presença da música popular brasileira na primeira década da radiofonia paulistana

HALL, M. Imigrantes da cidade de São Paulo. In: PORTA, Paula. **História da cidade de São Paulo**. 3 vols., SP, Ed. Paz e Terra, 2004, p. 121-151.

MORAES, J. G. V. **Metrópole em Sinfonia**. SP: Estação Liberdade, 2000 .

_____. Rádio e música popular nos anos 30, **Revista de História** (São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1999).

PEREIRA, J. B. B. **Cor, profissão e mobilidade: O Negro e o Rádio de São Paulo**. 2ª. Edição. São Paulo: Edusp, 2001.

PÉREZ GONZÁLEZ, J. **Da música folclórica à música mecânica: Mário de Andrade e o conceito de música popular (1893-1945)**. São Paulo: Intermeios, 2005.

PINTO, M. I. M. B. A reinvenção das tradições no cenário da modernidade: a radiodifusão e suas raízes urbanas. **ArtCultura**, Revista de História, Cultura e Arte. Uberlândia, vol.8, nº9, pp. 139-150, jul-dez/2004.

RAGO, M. A invenção do cotidiano na metrópole: sociabilidade e lazer em São Paulo, 1900-1950. In: PORTA, P. **História da cidade de São Paulo**. 3 vols., SP, Ed. Paz e Terra, 2004, p. 387-435.

ROCHA, V. A. **Cronologia do rádio paulistano: anos 20 e 30**. São Paulo: CCSP/Divisão de Pesquisas, 1993.

SEVCENKO, N. **Orfeu extático na metrópole**. São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.

TINHORÃO, J. R. **Música popular: do gramofone ao rádio e TV**. SP: Editora Ática, 1981.

TOTA, A. P. **A Locomotiva no Ar** (Rádio na Cidade de São Paulo: 1924/1934). São Paulo, Tese de doutorado, FFLCH-USP, 1987

Periódicos (Jornais e Revistas)

Correio Paulistano, O Estado de São Paulo, Revista do Rádio, Almanaque do Rádio de 1951 (o último, disponível no arquivo do Centro Cultural São Paulo).

Depoimentos

Arquivo do Centro Cultural São Paulo (CCSP): Paulo Machado de Carvalho, Lahir de Castro Cotti, João Ferreira Fontes, Enéas Machado de Assis, Raul Duarte.

Acervo do Museu da Imagem e do Som (MIS - SP): Roque Ricciardi (Paraguassu), Luiza Ricciardi Lopes, Fausto Macedo, Nicolau Tuma, Olegário José de Godói (Sorocabinha), João Pacífico, Enrique Lobo.